

É O SOBREVIVENTE VASCO TENENTE QUEM O DIZ, RECORDANDO WIRIAMU:

“Comam estas sardinhas para se despedirem da vida”

- disseram os soldados portugueses momentos antes do massacre que custou a vida a perto de duzentas pessoas

Alfredo Macaringue

“Comam estas sardinhas, como a última maneira de se despedirem das vossas vidas”, foi a frase pronunciada por um capitão do Exército colonial português que dirigiu o massacre de Wiriamu, em Tete, e que ficou para sempre gravada na memória traumatizada do então jovem e órfão aos 17 anos, Vasco Tenente, hoje com 41 anos de idade. É assim mesmo que começa a história sobre um dos actos mais brutais de morte de moçambicanos inocentes, pelo simples facto de se pensar que tinham alguma ligação com os «turras», termo pejorativo com que eram tratados os guerrilheiros da FRELIMO (vem de “terrorista”, como classificava a propaganda fascista do combatente da liberdade).

A história do massacre, que se dá no dia 16 de Dezembro de 1972, é aqui recordada por Vasco Tenente, que nesse dia sobreviveu à chacina, porque na ocasião se encontrava na zona do curral do gado da família, onde procedia ainda à caça dos animais, depois de regressar da pastagem, como fazia normalmente. Conta ele, com lágrimas a cair dos olhos - perdeu os pais e mais cinco irmãos naquele massacre - que os grandes culpados foram os dois agentes da PIDE, designadamente Chico Cachave e John Cangolongo, ao aceitarem as instruções dos seus patrões para mandarem reunir a população, alegando que haveria uma reunião com a tropa portuguesa para se falar de alguns problemas da região. Esse encontro teria lugar, em princípio, às 17 horas. A grande maioria da população aceitou e foi ao local combinado, mas gente houve que estranhou e não compareceu na dita reunião. “Lembro-me, por exemplo, de um dos régulos da região, o Domingos, que rejeitou a reunião nos seguintes termos: “eu não vou ficar à espera, porque nunca ouvi nada disso na minha vida”. E, de facto, foi-se embora”, lembrou Tenente.

As 17 horas daquele fatídico e sangrento 16 de Dezembro, chegou a tropa colonial portuguesa, fazendo-se transportar em cinco helicópteros. Trazia uma boa quantidade de pão e sardinha enlatada.

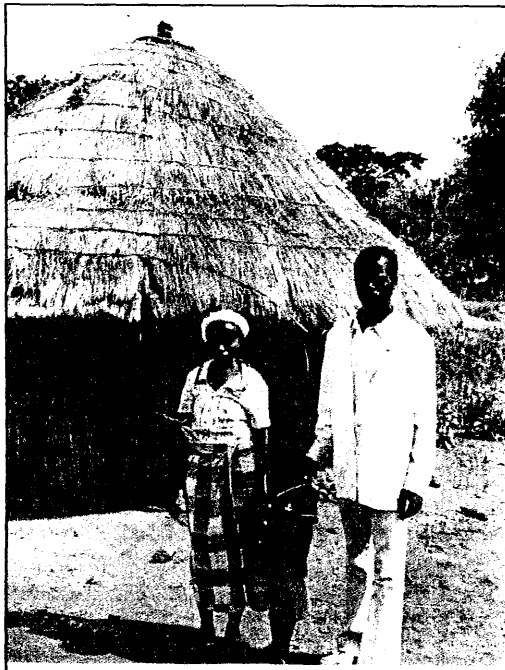
Vasco Tenente lembra que quando chegaram à povoação e numa primeira observação depararam com o velho N'tsimbo, que trajava alguma roupa militar, mas já esfarrapada. Chamaram-no e foram submetê-lo a um pro-

longado interrogatório. Todas as justificações que ele apresentou, entre as quais que a roupa lhe havia sido oferecida pelo filho que era servente no quartel português em Tete para usá-la na machamba, de nada serviram. Concluíram de forma precipitada que tinham apanhado o primeiro sinal de um apoiante dos “turras”. De imediato, puxaram o velho N'tsimbo para a mata, executando-o sumariamente. Na explicação de Vasco Tenente, o sacrificado N'tsimbo de facto havia recebido o velho uniforme militar do filho, Francisco N'tsimbo, que na altura trabalhava como servente na chamada Zona Operacional de Tete “ZOT”. A intenção é que usasse aquela roupa na sua actividade no campo. E assim tornou-se na primeira pessoa a ser barbaramente assassinada a sangue frio e depois abandonado na mata.

Reconstituindo os factos ainda com uma certa facilidade, Tenente diz que o desaparecimento inesperado de N'tsimbo e o regresso da tropa da mata sem ele deu para alguns estranharem, mas nunca ninguém chegou a pensar que o teriam assassinado naquele instante. Assim, as pessoas continuaram nas suas posições até que chegou o momento de serem convidadas a comer o pão e a sardinha, como forma de se despedirem da vida. Atónitos e sem perceberem nada do que a tropa pretendia dizer com aquilo, ninguém ousou

levantar-se para ir buscar nem o pão nem a sardinha que estava à disposição. Foi ante o silêncio e a resistência colectiva daquela gente, maioritariamente camponeses, que a tropa portuguesa traiçoeiramente abriu fogo de forma indiscriminada contra a população, que nunca esperou uma atitude igual de qualquer que fosse o exército do mundo. Foi o genocídio. Crime praticado com o recurso a quase todo o tipo de armas de fogo. Poucos conseguiram escapar. Dez minutos depois estava Wiriamu banhado de sangue de moçambicanos mortos por se pensar que estavam envolvidos na luta de libertação de Moçambique. Estava Wiriamu desabitado, sem casa nem animais domésticos, já que nem isso foi poupado. Os poucos que sobreviveram estavam perto das casas e assim conseguiram nelas se esconder e empreender a fuga pela mata adentro. Foi também essa a sorte de Vasco Tenente. Do curral onde se encontrava ensaiou a fuga com um sobrinho seu. Nem com isso escapou a algumas balas que lhe atravessaram as pernas, enquanto corria de mãos dadas com o pequeno sobrinho.

Segundo se recorda ainda o sobrevivente Vasco Tenente, eles só descansariam depois de percorridos quase 30 quilómetros a pé, na primeira povoação a seguir, onde foram acolhidos e tratados depois de contarem o que sucedera em Wiriamu. As pessoas dessa povoação



Vasco Tenente, em corpo inteiro, fotografado com a sua esposa com quem tem um filho. Ele é neste momento um dos poucos sobreviventes ainda entre nós. (Foto Carlos Bernardo)



“Doeu-me muito por não nos terem deixado ao menos recolher os cadáveres para enterrá-los”, Vasco Tenente, recordado o massacre. (Foto Carlos Bernardo)

não queriam acreditar na macabra história que acabava de ser reportada pelos jovens e logo tentaram regressar a fim de ir confirmar a veracidade dos factos, não fosse a criança contar coisas sem sentido. Não foi possível essas pessoas lá chegarem, pois a tropa continuava lá presente e ainda pronta a matar. Alguns mais corajosos, embrenhando-se na mata, conseguiram aproximar-se do local e puderam visualizar de longe centenas de cadáveres, uns sobrepostos e outros abandonados ao relento. Esse abandono, segundo contou Tenente, durou até à data dos Acordos de Lusaka, com os cadáveres abandonados sem ninguém poder enterrá-los, porque logo a seguir a zona ficou interdita à circulação de pessoas por ser uma zona de terroristas. “Quem casualmente fosse apanhado a circular por lá era irremediavelmente morto, considerado um terrorista da FRELIMO”, recorda-se ainda Tenente.

Foi preciso esperar pela libertação do país, que aconteceria dois anos depois do massacre, para que familiares das vítimas mortais pudessem ir recolher os restos mortais dos seus entes queridos que ainda permaneciam abandonados ao ar livre e no local onde cada camponês caíra mártir do exército colonial português. Porque não seria fácil dois anos depois a cada família identificar o familiar a partir de ossadas humanas para a realiza-

Notícias
(supl.)
25-6-99
p. 11

ção de um enterro condigno, as autoridades governamentais moçambicanas decidiram pelo enterro colectivo, ao mesmo tempo que algumas ossadas foram recolhidas para serem depositadas simbolicamente no monumento posteriormente erguido justamente no território onde se registou o massacre, há sensivelmente 27 anos.

MASSACRE DE CHILOA PASSOU DESPERCEBIDO

Se no país e no mundo o massacre de Wiriamu tornou-se em tão pouco muito conhecido e condenado, apesar de as autoridades portuguesas terem tentado dizer que tão hediondo crime não existiu, na vã tentativa de escondê-lo da comunidade internacional, o mesmo já não aconteceu com o massacre de Chiloa, uma pequena povoação um pouco antes de Wiriamu.

Vasco Tenente, a nossa fonte de informação e um dos poucos sobreviventes localizáveis, conta que nessa povoação terão morrido assassinadas perto de 70 pessoas. Acredita-se que o grupo de militares, entre GEP's, GE's e Comandos que matou em Chiloa, é o mesmo que cometeu o massacre de Wiriamu.

Entre uma povoação e outra vai uma distância de apenas 10 a 15 km. E a estratégia utilizada foi a mesma: reunir a população para um encontro com os militares. Seguidamente, já no encontro, convidar a população para comer pão e sardinha enlatada para se despedir da vida. Constatada a estranheza geral dos presentes passou-se de imediato a abrir fogo sobre os mesmos, num massa-

cre em que quase ninguém sobreviveu.

Chiloa terá sido o primeiro ponto a ser escalado pelos soldados portugueses, uma vez que por ali passaram às 15 horas, para duas horas depois invadirem Wiriamu e o seu povo.

SOFRI MUITO DE 72 A 75

“Sofri muito, particularmente de 72 a 75. Primeiro, porque fiquei órfão de pais, depois perdi todos os meus irmãos, duas meninas e três rapazes. Vi-me praticamente reduzido a uma única pessoa, com a idade que eu tinha”. Este é o desabafo expresso ainda pelo sobrevivente Vasco Tenente, quando solicitado a pronunciar-se sobre o que representou o massacre para si.

“Se não tivesse sido acolhido por um tio meu lá na província de Manica, não sei dizer o que teria sido de mim”, prossegue Tenente, voltando a reviver com uma certa intensidade alguns momentos de crise de família por que passou depois do assassinato dos seus pais e irmãos.

Quando lhe perguntámos por que é que sofreu muito naquele período, ele respondeu:

“Sim, sofri muito nesse período, porque foi o tempo em que permaneci sem poder ter a confirmação da morte de todos os membros da família, porque não mais nos deixaram voltar a ver pelo menos os corpos dos nossos familiares. Sempre fiquei na esperança de que, assim como aconteceu comigo, algum outro familiar ou um dos meus cinco irmãos poderiam ter sido bafejados pela minha sorte. Era um sofrimento incontido mas que não podia queixar a ninguém. E mais, naquela minha idade não conseguia entender por que razão os portugueses matabam as pessoas nas suas próprias casas e depois ainda proibiam os sobreviventes de ir enterrar os mortos. Estas questões começaram a deixar de me preocupar quando voltei a pisar esta terra - Wiriamu - já depois da independência. Entendi sozinho que a minha família toda tinha morrido, ninguém havia tido a minha sorte. Morreram mesmo”.

A uma pergunta sobre o que achava da atitude do capitão português que ordenou o massacre em 1972 e que há bem pouco tempo voltou a Wiriamu para apresentar as suas desculpas ao povo pelo crime cometido, Vasco Tenente comentou nos seguintes termos: “acabámos aceitando as desculpas, porque, segundo ele disse, também foi instrumentalizado ainda jovem e ensinado a matar”.

“Eu, com a minha idade há 27 anos atrás mal poderia entender a importância de uma vida humana para daí dar-lhe o devido respeito. Não tinha um mínimo desses valores, senão a de um jovem preparado para matar”, teria confessado o capitão português ao apresentar as suas desculpas pelo massacre que ele comandou.